

# Alimentos: cenários para 2008

EVARISTO MARZABAL NEVES

O artigo anterior evidenciou a precupação internacional que a pressão dos preços dos alimentos vem exercendo nos índices inflacionários de diversos países.

O mercado responde à expectativa do fato e o momento acena para uma oferta comprimida diante de uma demanda crescente e aquecida que se manifestou fortemente neste segundo semestre de 2007. Na zona do euro, o índice anualizado (11/06 a

11/07) se elevou a 3,1% (a taxa mais alta em seis anos) devido à pressão dos preços dos alimentos que chegou a 4,3% no período; nos Estados Unidos, a taxa anualizada da inflação atingiu 4,3% puxada pelos preços dos alimentos que alcançou 4,8% no período; no Reino Unido, a inflação anualizada nos preços dos alimentos chegou em 5,1% e, na China, dia 20 passado, o governo anunciou o fim dos incentivos fiscais para exportações de 84 produtos agrícolas, numa tentativa de conter a inflação e garantir o abastecimento de 1,3 bilhão de habitantes, e, entre estas culturas, encontram-se o trigo, a soja, o milho, o arroz e a cevada. Tem sentido esta decisão do governo chinês, já que a inflação subiu 6,9%

em novembro, marca mais alta em 11 anos. É preocupante, pois na mensuração do índice de inflação da China, os preços dos alimentos, que representam um terço do índice, alcançaram 18,2% em novembro em comparação com o mesmo período de 2006.

No Brasil o IGP-10 (Índice Geral de Preços) da Fundação Getúlio Vargas, no acumulado do ano, avançou 7,38%, maior alta desde 2004, quando subiu 12,4%. Neste 2007, o Índice de Preços no Atacado, que compõe o IGP-10, mostrou

## Os preços dos produtos agrícolas evoluíram 22,23% no ano

que os preços dos produtos agrícolas evoluíram 22,23% no ano, acompanhando a alta de preços no mercado mundial, o que estimulou as exportações de commodities como soja, milho e carnes, reduzindo a disponibilidade para o mercado interno, que passou por elevações de preços e mesmo déficits na oferta para o mercado doméstico. Este esteve aquecido devido aos programas sociais, à elevação da massa salarial, à geração de mais empregos e à ampliação da oferta de crédito no comércio. Neste sentido, no ano, para o consumidor, no IGP-10, os alimentos subiram mais que o dobro (9,66%) em relação ao índice geral, que já alcançou 4,61%. No mundo, de modo geral, a alta nos preços dos produtos agropecuários resulta da forte deman-

da, das frustrações de safras e dos baixos estoques de alimentos, além da pressão que vem exercendo a produção de energia, deslocando as commodities para fins não alimentícios.

Embora o Brasil na safra 2007/08 deverá bater recorde na produção de grãos, ainda é insuficiente para cobrir os baixos estoques internacionais. Preocupantes são as previsões do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), que indicam que os estoques mundiais do milho despencarão ao mais baixo nível em 33 anos e os de trigo cairão ao seu mais baixo nível em 47 anos. Daí entender que na segunda quinzena de dezembro os preços do trigo e do arroz (entrega em março de 2008) saltaram para um recorde de alta na Bolsa de Chicago, os de soja estão em seu ponto mais alto em 34 anos e, os de milho, próximos ao pico em 11 anos.

Diante desta oferta comprimida e de uma demanda crescente e aquecida por alimentos, e pelo fato da atratividade dos preços das commodities no mercado internacional, estimulando as exportações, é provável que o consumidor brasileiro ainda conviverá com a alta de preços dos alimentos em 2008.

► EVARISTO MARZABAL NEVES é professor titular da Escola (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz)/USP (Universidade de São Paulo)  
emneves@esalq.usp.br